

UMA OUTRA ESCRITURA A PARTIR DO DIÁLOGO *FEDRO*

Michelle Belatto¹

RESUMO: No início do Diálogo *Fedro*, de Platão, Sócrates declara-se um “doente por ouvir discursos”. Todavia, o “remédio” capaz de afastá-lo da cidade, de onde não costuma sair, é um discurso escrito. Com isso, notamos nossa proposta de reflexão, para este trabalho, já nas primeiras cenas do Diálogo. Trataremos de outro tipo de escritura: uma grafia psíquica da verdade. Para tanto, investigaremos o possível fascínio que a escrita exerce em Sócrates, Construiremos nosso trajeto a partir do “Mito de Theuth”, uma tradição que o filósofo ouviu dos antigos, e com ela apresenta o tema da conveniência ou da inconveniência da escrita. Tomada, a princípio, como atividade reprovável em relação à fala, a escrita passa a ser considerada, também, como um modo eficaz à grafia psíquica da verdade, pois o fundamento dos discursos – falados ou escritos – estaria no seguimento dos requisitos da retórica filosófica. Abordaremos, então, dois tipos interligados de escritura: uma viva e escritora do verdadeiro na alma; outra suplementar, que funcionaria como “lembrete” de aprendizados.

Palavras-chave: Escritura. Discurso. Verdade. Alma.

1 INTRODUÇÃO

Na época da comunicação de massa, deparamo-nos com as mais diversas formas de discursos: impressos em jornais, revistas, livros; em áudio, veiculados pelas emissoras de rádio; audiovisuais, transmitidos pelas televisões e em circulação nos cinemas; eletrônicos, que misturam todos de maneiras bem peculiares, de acordo com as redes às quais pertencem; sem nos esquecermos daqueles face a face, que nos acompanham desde que nascemos e são a origem dos demais. Mas esses discursos sabem o que dizem? Sabem a quem falam? Sabem como falar? Estão adequados a seus destinatários? Essas questões parecem-nos bastante significativas, se pensarmos na abrangência de uma sociedade globalizada – sociedade da informação - em que o tempo e o espaço, de modo geral, deixaram de ser um limitador comunicacional entre as pessoas.

Em 370 a.C., Platão já manifesta a relevância de tais questionamentos, em seu Diálogo *Fedro*, ao analisar discursos produzidos em seu tempo. Preocupado com a constituição do conteúdo discursivo e seu direcionamento, o filósofo refere-se a um tipo diferente daquela escrita dos livros e por que não dizer, hoje em dia, daquela diferente da dos

¹ Estudante de Mestrado em Filosofia na UFSC – Florianópolis, SC.

órgãos impressos, diferente do divulgado nos meios audiovisuais, daquilo que percorre as redes de comunicação e do que se passa em determinadas interações pessoais, caso esses sistemas demonstrem, genericamente, descompromisso com os assuntos tratados e com seus interlocutores: uma escritura da verdade na alma, efetivada por meio de discursos filosóficos.

Os autores desses discursos deveriam cunhá-los com conhecimento da matéria abordada e de seus receptores, a fim de escolher os recursos apropriados na adaptação da mensagem a cada um. Assim, agiriam com base nos preceitos da retórica filosófica, para que a grafia psíquica do verdadeiro se concretizasse. Com a pretensão de investigarmos esse tipo diferenciado de escritura, verificaremos distinções e semelhanças no papel do discurso falado e do escrito – os dois tipos de discursos que aparecem no Diálogo - à realização do processo de escritura da verdade na alma.

A reflexão que propomos, neste trabalho, anuncia-se nas primeiras cenas do Diálogo platônico, entre os personagens Fedro e Sócrates quando este se diz um “doente por ouvir discursos” (PLATÃO, *Fedro*, 2009, 228b). Porém, atentemo-nos para que o remédio (*phármakon*), o qual Fedro descobre, capaz de tirar o filósofo da cidade, é um discurso escrito. O manuscrito do renomado orador Lísias, trazido pelo menino Fedro, conduz Sócrates ao descaminho, uma vez que este não costuma sair da cidade e a curiosidade de ter as palavras do orador desveladas o leva para fora dos muros: um local onde o exercício filosófico seria privilegiado, conforme as características do cenário, apresentadas pelos personagens: relva agradável, fonte de água transparente, melodia das cigarras... Que poder de sedução teria esse “remédio” – motivo pelo qual Sócrates aceita passear com Fedro, a ponto de afastar-se de seu lugar de aprendizagem? Talvez, encontremos uma resposta no Mito de Theuth, uma tradição que o filósofo ouviu dos antigos e a narra para tornar declarado o tema da escrita.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Theuth - divindade responsável pela invenção da ciência do número, da astronomia, do jogo de damas e, sobretudo, da escrita - vai até o palácio do rei egípcio, Tamos, e apresenta-lhe seus inventos, dizendo que precisam ser distribuídos à população. O rei questiona a utilidade de cada um e, de acordo com as explicações do deus, censura-as ou louva-as. Ao chegar a vez da escrita, Theuth argumenta ser este um ramo do conhecimento que tornará os egípcios mais sábios e com melhor memória. No entanto, Tamos o adverte de que a descoberta provocará, nas almas, o esquecimento de quanto aprendem, devido, justamente, à falta de exercício da memória: confiadas na escrita, não obterão as recordações por si mesmas, mas por meio de algo externo. Desse modo, seguidores de Theuth considerar-se-ão grandes sabedores sendo, na realidade, ignorantes, tornando-se aparentemente sábios, sem o serem efetivamente (*Idem*, 274c-275b).

Theuth mostra o contrário da perspicácia da escrita, ignorando sua ambivalência por ingenuidade ou por astúcia, já que é, também, o deus da morte, da aparência. Inventada pelo deus da aparência, a escrita aparenta o que não é: parece que o pensamento anima o que diz, no entanto se for interrogada, revela sempre o mesmo - aquilo que nela já está impresso (*Idem*, 275d). Nesse sentido, Sócrates afirma que, aquele que julga transmitir uma arte por meio da escrita e aquele que a recebe, como se dela pudesse derivar algo de certo e seguro, demonstram muita ingenuidade por acreditarem que os discursos escritos são algo mais do que um meio de fazer recordar, a quem já sabe, as matérias ali tratadas (*Idem*, 275c-275d).

O Mito de Theuthnos traz indicações do que Platão entende por recordação e memória: ele faz uma distinção entre as duas, caracterizando a recordação como a ação de trazer à tona certas memórias. A memória é a própria compreensão viva dentro da alma; nela, guarda-se o conhecimento. Apenas é possível a recordação de algo que já se sabe e quando o

assunto é o saber, é impossível apoiar-se em caracteres exteriores a si mesmo, pois o único lugar onde há clareza e segurança quanto a isso é no interior da própria alma.

A memória é viva e, como todo o ser vivo, limitada e finita. Ela tem necessidade de algo para lembrar-se do que não está presente a si, deixando contaminar-se por um suplente sensível: a escrita. Nas palavras de Derrida (2005, p. 56-58), há um limite quase imperceptível entre a memória e seu suplemento: ambos os casos se tratam de “*repetição*”.

O escrito, ao repetir-se e permanecer idêntico a si no seu formato, não se dobra às diferenças entre os presentes e as necessidades de suas almas. O falante, ao contrário, não se submete a esquemas preestabelecidos: conduz melhor seu discurso, acentuando-o, retendo-o ou liberando-o, segundo os requisitos da ocasião oferecida pelo interlocutor. Assistindo sua fala em sua operação, aquele que age pela voz penetra mais facilmente na alma do ouvinte, para produzir nela efeitos sempre singulares, conduzindo-a, como se nela habitasse, aonde bem entender (*Idem*, p. 60). É como age Sócrates que, conhecendo a alma de Fedro, adapta-lhe seus proferimentos (PLATÃO, *Fedro*, 2009, 237b-241d).

Retornemos ao Mito de Theuth, personagem que atribui à escrita a virtude de aumentar a possibilidade de armazenagem de conhecimento para além da capacidade da memória convencional, ao prover o ser humano de um aparato de registros da fala e do pensamento. A fala vincula-se à situação concreta na qual é enunciada. Sua existência é ocasional na medida em que a mensagem não sobrevive às circunstâncias de sua origem. Ela é breve, nunca se repete da mesma maneira, submetendo-se à instabilidade da memória – falível por natureza. Mesmo um texto decorado sofre alterações, dependendo da forma e do contexto em que é expresso pelo locutor.

A excelência que a escrita possui, então, em relação à fala é o caráter, aparentemente, permanente que o conhecimento adquire ao ser salvo de uma existência passageira e particular. Porém, para Tamos, a atenção despendida com a escrita causará

desatenção com a memória verdadeira e dará aparência de sábio a quem não o é de fato – pensamos que isso serve tanto para escritores, quanto para leitores.

A propriedade que o discurso ganha, ao ser escrito e circular indistintamente entre as pessoas, contraria a necessidade de que ele deve direcionar-se a cada gênero de alma, de acordo com seu grau de esquecimento. Ele é um sinal exterior que, talvez, ajude a atividade da reminiscência² a realizar-se (*Idem*, 270a-272b). Admitirmos a possibilidade de a escrita auxiliar na reminiscência da alma significa admitirmos, a ela, um caráter reminescente, levando em conta, também, as posições atribuídas a Theuth e a Tamos, as quais mencionamos anteriormente.

Pensemos a respeito de sua ambivalência ou - se quisermos – ambiguidade, ignorada por Theuth, mas, de determinada maneira, confirmada por Tamos ao opor-se a seu criador. A escrita pode atuar em dois papéis no que se refere à reminiscência: obstruí-la ou promovê-la, já que, sendo um *phármakon*, não podemos deduzir, antecipadamente, o efeito de sua aplicação nos corpos ou - neste caso – nas almas em geral. Sua eficácia ou ineficácia depende do estado de instrução da alma à qual é aplicada e não pode ser avaliada abstratamente.

Desse modo, parece-nos que a conveniência da escrita é construída de acordo com o gênero de alma com o qual ela estabelece relação, conforme o previsto pela retórica filosófica. Existem tipos de discursos escritos, segundo a possibilidade que cada um possui de remeter a alma ao que presenciou no suprassensível. Seu critério definidor é a aproximação que cada discurso desenvolve com os tipos de alma aos quais se dirige. Vemos que não é o caso do manuscrito de Lísias (*Idem*, 231a-234c). Ele o constrói pensando no propósito

² A reminiscência é um processo pelo qual a alma lembra aquilo que se imprimiu em si - quando esteve desencarnada, em jornadas suprassensíveis (acima do céu, onde ficam as verdades inteligíveis, como a justiça e a temperança - por meio de um objeto sensível aqui na Terra), modelo da verdade inteligível impressa.

exclusivo de satisfazer seu desejo por Fedro, ignorando as condições da alma do menino, impondo a este a realidade conveniente a sua meta. O orador usa a retórica com o único objetivo de persuadi-lo, dissimulando o conhecimento da verdade, ao insultar o Amor que, sendo um deus, não pode ser mau, em conformidade com a filosofia platônica.

O fato de algo estar escrito não indica que pode ser compreendido por aqueles que o leiam a qualquer instante. Isso quer dizer que o texto não pode alcançar a profundidade da alma de qualquer um que se proponha a lê-lo, porque há a necessidade de uma instrução, que já deve estar no leitor - senão, as tentativas de compreendê-lo fracassam - para que haja a escritura psíquica do verdadeiro. Diante dessa insuficiência da escrita para sustentar a si mesma, Sócrates propõe um outro tipo de discurso: aquele que se escreve, com conhecimento, na alma do aprendiz. Um discurso feito por quem sabe do que trata, vivo e animado, capaz de socorrer-se, saber falar e calar a quem convém. Ele é o modelo a partir do qual a escrita é uma cópia – como os objetos sensíveis são cópias imperfeitas das verdades inteligíveis - uma imagem. O possuidor do conhecimento percebe o momento adequado e a alma adequada à transmissão de seu discurso vivo e, para tanto, há de escolher a melhor maneira de fazê-lo, servindo-se da dialética³ e de recursos retóricos que lhe auxiliem nas adaptações pertinentes (*Idem*, 276a).

Porta-voz do discurso dialético, Sócrates respeita o tempo necessário para plantar as sementes das quais originam frutos provenientes da escritura da verdade na alma de Fedro, ao contrário de Lísias, que lhe tenta inserir o conteúdo de seu manuscrito, apressada e forçadamente, como execução de seu plano a fim de conquistá-lo. Reconhecendo em Fedro um solo apropriado para o desenvolvimento da filosofia, Sócrates procura semear seus

³ A dialética é o método socrático a partir do qual os discursos devem ser elaborados, começando com a definição do objeto a ser tratado, separando-o em sua multiplicidade sensível (objetos terrenos), até chegar à sua unidade inteligível (verdades suprassensíveis). Porém, esse método não é suficiente a uma grafia psíquica da verdade, já que não leva em conta o invisível de cada um: as particularidades de cada alma.

discursos, na esperança de, um dia, o menino gerar, por si mesmo, belos filhos: discursos vivos e animados, também cunhados com as exigências da dialética, sempre de acordo com as necessidades da alma do ouvinte.

O discurso filosófico traz em si o embrião que pode fazer crescer e germinar, nas almas, a atividade filosófica, tal como Sócrates, a partir de seus dois discursos e da posterior discussão com Fedro, acredita poder plantar, na alma do garoto, o caminho da verdadeira filosofia. Entendemos o primeiro pronunciamento socrático como uma reconstrução do escrito de Lísias e o segundo como sua inversão, sendo os dois uma vivificação do texto do orador. Em contrapartida, o escrito de Lísias, ao ter como plano a captura de Fedro, precisa encantá-lo com artifícios retóricos, para que o fascínio com a palavra, ao proporcionar uma aparente fixação do saber, inviabilize a percepção do que se mostra para além de seu discurso.

A escrita pode ser um instrumento usado para tornar imortal a semente de um discurso. Notamos isso quando Sócrates inverte seu sentido, depois de evidenciar como os políticos da época são seus adeptos, ao contrário do que Fedro pensa. O filósofo afirma que, quando oradores e reis adquirem o poder de grandes legisladores, como Licurgo e Sólon, tornando-se logógrafos imortais na cidade, consideram-lhes iguais aos deuses, em vida, e, após a morte, pelos escritos deixados aos vindouros. A inversão faz com que a escrita deixe de ser compreendida como uma coisa realizada com a finalidade de aprovação pessoal, para transformar-se em algo que leva o humano à imortalidade, aproximando-o do divino (*Idem*, 257c-258c).

Nesse sentido, não é a escrita, por si só, que garante a imortalidade ao humano, mas seu modo de utilização. É possível apropriar-se dela como um caminho para além de si mesmo, em direção aos deuses, tanto para autores de discursos, quanto a seus leitores. Para tal, os autores devem seguir as recomendações socráticas do uso da retórica filosófica (*Idem*, 270a-272b) e os leitores não se devem apegar aos seus caracteres como um dado pronto ou

um saber que lhes pertence, a ponto de envaidecerem-se, como faz um certo tipo de político e para o que Tamos adverte no Mito de Theuth. (*Idem*, 274c-275b).

O objeto principal do nosso estudo foi o Diálogo *Fedro*, de Platão, do qual extraímos nossa reflexão principal, exposta na abertura deste texto, e a amparamos com a obra *A farmácia de Platão*, do filósofo francês Jacques Derrida. Analisamos os dados conceituais desta pesquisa bibliográfica, os quais foram retirados do Diálogo platônico *Fedro*, utilizando os comentários do filósofo contemporâneo Jacques Derrida em *A farmácia de Platão*.

3 CONCLUSÃO

A preocupação platônica com o cunho de discursos escritores da verdade, adequados a seus destinatários, poderia servir, de algum modo, para refletirmos sobre a complexidade discursiva dos sistemas informacionais e comunicacionais e das interações pessoais que compõem nossa sociedade. A escritura – grafia psíquica da verdade – da qual Platão tratou, deve ter seus adeptos em nossos dias, mesmo que estes desconheçam as abordagens do *Fedro*, em especial, e que o processo se desenvolva de maneira diferente devido a suas especificidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério Costa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2009.